CORPO E MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

PALOMA DE ALBUQUERQUE BERNARDI

RESUMO

A partir de revisões bibliográficas, o presente trabalho surgiu com o intuito de investigar como acontece a inserção do corpo e do movimento na educação infantil em nosso país, analisando tanto as perspectivas históricas quanto as práticas contemporâneas. Busca-se compreender qual foi a importância dessas práticas para as gerações passadas, como as crianças aprendiam e como se configuram as estratégias de ensino e aprendizagem na atualidade. Essa reflexão se mostra essencial, pois o corpo e o movimento são elementos fundamentais no processo de desenvolvimento integral da criança, influenciando aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais.

Além dessas questões, o trabalho aborda de forma detalhada as diferentes linguagens desenvolvidas por meio do ensino das atividades corporais, destacando a relevância de experiências que estimulem a expressão, a criatividade, a coordenação motora e a socialização. Através de atividades lúdicas, jogos, danças e outras manifestações corporais, a criança tem a oportunidade de vivenciar um aprendizado mais dinâmico e significativo, no qual o corpo se torna protagonista do processo educativo.

Ainda, são feitas análises críticas em torno da abordagem do movimento na educação infantil, observando que, em muitas situações, a prática pedagógica acaba sendo simplificada e limitada. Muitas vezes, as propostas são reduzidas a meros gestos repetitivos, desprovidos de intencionalidade pedagógica e afastados de uma perspectiva integradora. Essa redução empobrece a experiência da criança, restringindo as possibilidades de desenvolvimento pleno que a educação infantil pode oferecer. Portanto, o trabalho defende a necessidade de ressignificar as práticas corporais nessa etapa da educação, promovendo um ensino mais rico, inclusivo e capaz de favorecer a formação integral do sujeito.

Palavras-chave: Movimento, história, infância, linguagem, aprendizagem.

ABSTRACT

Based on literature reviews, this work aims to investigate how the body and movement are incorporated into early childhood education in our country, analyzing both historical perspectives and contemporary practices. The aim is to understand the importance of these practices for past generations, how children learned, and how teaching and learning strategies are configured today. This reflection is essential, as the body and movement are fundamental elements in the child's comprehensive development process, influencing motor, cognitive, affective, and social aspects.

In addition to these issues, the work addresses in detail the different languages developed through the teaching of physical activities, highlighting the importance of experiences that stimulate expression, creativity, motor coordination, and socialization. Through playful activities, games, dance, and other bodily expressions, children have the opportunity to experience more dynamic and meaningful learning, in which the bod becomes the protagonist of the educational process. Furthermore, critical analyses are conducted on the approach to movement in early childhood education, noting that, in many situations, pedagogical practice ends up being simplified and limited. Often, proposals are reduced to mere repetitive gestures, devoid of pedagogical intentionality and far removed from an integrative perspective. This reduction impoverishes the child's experience, restricting thepossibilities for full development that early childhood education can offer. Therefore, the work advocates the need to redefine bodily practices at this stage of education, promoting a richer, more inclusive teaching environment capable of fostering the individual's comprehensive development.

Keywords: Movement, history, childhood, language, learning

Resumen

Basado en revisiones bibliográficas, este trabajo busca investigar cómo se incorporan el cuerpo y el movimiento en la educación infantil en nuestro país, analizando tanto las perspectivas históricas como las prácticas contemporáneas. El objetivo es comprender la importancia de estas prácticas para las generaciones pasadas, cómo aprendieron los niños y cómo se configuran las estrategias de enseñanza y aprendizaje en la actualidad. Esta reflexión es esencial, ya que el cuerpo y el movimiento son elementos fundamentales en el proceso de desarrollo integral del niño, influyendo en los aspectos motores, cognitivos, afectivos y sociales.
Además de estos temas, el trabajo aborda en detalle los diferentes lenguajes que se desarrollan a través de la enseñanza de actividades físicas, destacando la importancia de las experiencias que estimulan la expresión, la creatividad, la coordinación motora y la socialización. A través de actividades lúdicas, juegos, danza y otras expresiones corporales, los niños tienen la oportunidad de experimentar un aprendizaje más dinámico y significativo, en el que el cuerpo se convierte en el protagonista del proceso educativo. Además, se realizan análisis críticos sobre el enfoque del movimiento en la educación infantil, observando que, en muchas situaciones, la práctica pedagógica termina siendo simplificada y limitada. A menudo, las propuestas se reducen a meros gestos repetitivos, carentes de intencionalidad pedagógica y alejados de una perspectiva integradora. Esta reducción empobrece la experiencia del niño, restringiendo las posibilidades de desarrollo integral que ofrece la educación infantil. Por ello, el trabajo aboga por la necesidad de redefinir las prácticas corporales en esta etapa educativa, promoviendo un entorno pedagógico más rico e inclusivo, capaz de fomentar el desarrollo integral del individuo.

Palabras clave: Movimiento, historia, infancia, lenguaje, aprendizaje.

INTRODUÇÃO

Atualmente, o espaço educacional reservado às crianças nos centros educacionais e em suas próprias casas, são bem limitados, sobretudo, a falta de contato com os materiais que são tão necessários para o seu desenvolvimento integral.
Além dos espaços e materiais, o convívio no seio familiar também sofreu algumas alterações, visto que hoje, a mulher sai de casa para trabalhar e assim como o homem de antigamente, ela passa o dia todo fora deixando os filhos e a casa sob os cuidados de outras pessoas. Por conta disso, é comum que as crianças tenham as suas distrações à medida que lhes são proporcionadas e que muitas vezes, essas distrações têm a função de suprir a ausência e a carência que têm do convívio com seus pais.
Por esta ser a era tecnológica, é comum que os pais reconfortem os seus filhos, os quais eles passam muito tempo longe, com tablets, celulares, videogames, computadores e uma infinidade de aparelhos eletrônicos que tem como função o entretenimento e diversão. Com certeza, essa é uma estratégia muito boa, visto que as crianças e adolescentes também desenvolvem algumas habilidades cognitivas para manusearem esses aparelhos e muitos, acabam sendo influenciados, até mesmo em sua vida profissional, desempenhando funções que exigem altíssimas habilidades neste rol de conhecimentos. Mas, com todo o tempo que as crianças têm passado na frente desses aparelhos, alguns aspectos relacionados ao seu desenvolvimento psicomotor têm sido comprometidos, visto que as atividades quase não exigem movimentos e as crianças passam a maior parte do dia para desenvolvê-las.
Contudo, apesar desse novo panorama de vivencias e atividades executadas pelas crianças, sabe-se que é na tenra idade que o desenvolvimento psicomotor se torna essencial, servindo como suporte para a aprendizagem.
Para os profissionais de educação física que atuam com o desenvolvimento infantil é fundamental o conhecimento sobre as bases psicomotoras e que se reconheça o quão importante é que elas sejam bem desenvolvidas e que possuem uma ligação direta com a aprendizagem e com possíveis dificuldades de aprendizagem, sabendo qual o melhor caminho para intervenções.

A APRENDIZAGEM DO CORPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A aprendizagem da criança pequena na educação infantil acontece através da utilização de diversos aspectos interligados, que abrangem dimensões cognitivas, afetivas, sociais e motoras. Um desses aspectos fundamentais é o movimento. O corpo da criança é incessante: ela se movimenta o tempo todo, explorando o espaço ao seu redor e interagindo com o ambiente e as pessoas. Isso ocorre porque uma das primeiras formas que a criança encontra para se comunicar, desde muito cedo, é por meio dos seus movimentos. Antes mesmo da aquisição da fala, ela expressa suas necessidades, emoções e interesses através de gestos, expressões faciais e deslocamentos corporais.

Na educação infantil, compreender o corpo como meio de aprendizagem significa reconhecer que cada movimento é carregado de significado e potencial pedagógico. Ao correr, pular, dançar, empilhar blocos ou participar de jogos simbólicos, a criança não está apenas "gastando energia", mas construindo conhecimentos, desenvolvendo habilidades motoras finas e amplas, além de fortalecer aspectos como autonomia, criatividade e autoestima. Assim, o movimento não deve ser visto como um elemento acessório, mas como parte essencial da prática educativa, capaz de enriquecer e diversificar o processo de ensino-aprendizagem.

Contudo, se sabe que existem críticas muito grandes aos educadores contemporâneos, que não permitem que as crianças pequenas explorem os seus movimentos nas salas de aula. Isso se justifica por alguns deles pelo grande número de crianças numa mesma sala de aula ou mesmo, porque justificam ter que manter a disciplina. Ora, mas que disciplina esperar dos corpos de crianças numa sala de educação infantil? Segundo Foucault (1987), os corpos são doutrinados e disciplinados para viverem em uma determinada sociedade, onde é preciso respeitar e seguir regras para que não haja
uma ruptura de paradigma e de ideais.

No entanto, a educação infantil é um lugar próprio para as características da infância, onde as crianças devem ter o livre arbítrio para desenvolver competências, aperfeiçoar as suas linguagens e finalmente, viver a infância. A infância, porém, não deve ser um período preparatório e que se deve preocupar em preparar para alguma coisa, visto que há professores preocupados em preparar os pequenos para a fase de alfabetização, por exemplo, ensinando letras e números, com manuseio de lápis utilizando a coordenação motora fina, ou forçando-a (ARRIBAS, 2004).

Em vista dessa situação, é preciso pensar na sociedade que se quer formar, já que uma pessoa que não conhece o próprio corpo, não sabe das suas capacidades físicas e motoras, dificilmente conhecerá o mundo a sua volta de maneira sadia e será criativa e produtiva na idade adulta.

Há colégios em que os pais pagam mensalidades caríssimas e que as crianças ficam sentadas em carteiras enfileiradas da hora que chegam até a hora de ir embora. Desenvolvem atividades artísticas (plásticas, porque é possível manter o controle do espaço e das pessoas já que elas permanecem sentadas), têm aulas de língua portuguesa, matemática, ciências naturais e sociais.

E o movimento corporal, onde fica? Geralmente, existe o movimento dirigido apenas nas aulas de educação física, onde as crianças são autorizadas a se movimentarem, mas com uma finalidade, a de competir em algum jogo ou de treinar para o campeonato.

De acordo com Scarpato (2012), a arquitetura escolar influência significativamente no desenvolvimento global da criança e do estudante de modo geral, evidenciando os aspectos que são estimulados na sua aprendizagem. Portanto, é necessário que a construção física da escola infantil seja cuidadosamente pensada para crianças pequenas, considerando as suas especificidades, a sua locomoção e a sua necessidade de se conhecer enquanto ser físico. Isso implica planejar ambientes acessíveis, seguros e estimulantes, com mobiliário adequado à altura das crianças, áreas amplas para movimentação e exploração, e espaços que despertem a imaginação e a criatividade. Cada detalhe arquitetônico — desde a iluminação natural até a disposição dos brinquedos deve favorecer a aprendizagem ativa e o desenvolvimento integral. Uma arquitetura escolar planejada com intencionalidade pedagógica torna-se, assim, uma aliada fundamental na formação integral da criança.

A partir do momento em que a criança toma dimensão do seu corpo e do seu consciente, ela começa a perceber o mundo ao seu redor. Percebe a natureza, os aspectos relacionados à humanidade, considerando os problemas da sociedade e articulando ideias de ser atuante do espaço em que está. Além disso, a criança vai desenvolvendo as bases psicomotoras da aprendizagem, que vai refletir na idade de alfabetização escolar.

Há educadores que confundem o período pré-escolar com um período de pré- alfabetização. De fato, eles não estão errados, se levar em conta que a alfabetização compreende mais do que a decodificação dos códigos de escrita. Para a criança ler e escrever, é preciso que ela tenha domínio do espaço, que ela tenha consciência do seu corpo e uma coordenação amplamente desenvolvida, tanto grossa quanto fina. Assim, o período pré-escolar deveria trabalhar esses aspectos motores que são tão inatos às crianças pequenas e tão necessários numa fase delicada de sua vida.

Existem crianças que chegam ao ensino fundamental e tem dificuldade em se alfabetizar, outras, mal conseguem pegar no lápis. Há aquelas que não tem noção de espaço do caderno, que escrevem e leem ao contrário, bem como na linguagem matemática, não compreendem cotas simples de adição e subtração porque não sabem a ordem dos números, qual soma primeira e consecutivamente (SCARPATO, 2012).

Portanto, desenvolver aspectos que são inatos às crianças como a coordenação motora, a orientação e relação espacial e o ritmo, devem ser considerados fundamentais na pré-escola. Considerando a importância do desenvolvimento desses aspectos, o educador contribui significativamente para o seu desenvolvimento físico, intelectual e emocional.

O aspecto emocional desenvolvido na criança pequena através do estímulo do movimento é fundamental para a elevação de sua autoestima e, consequentemente, para o fortalecimento do sentimento de pertencimento ao grupo ao qual ela está inserida. Quando a criança é incentivada a se expressar corporalmente, seja por meio de brincadeiras, jogos, músicas ou danças, ela não apenas aprimora suas habilidades motoras, mas também constrói uma percepção positiva de si mesma e de suas capacidades. Essa vivência contribui para que ela se sinta valorizada e reconhecida pelos colegas e educadores.

As crianças sentem grande satisfação ao perceberem que suas ações, como cantar, dançar ou interpretar uma música, são observadas e apreciadas por seus colegas e familiares. Esse reconhecimento fortalece vínculos afetivos, promove a socialização e incentiva novas participações. Além disso, momentos coletivos que envolvem movimento criam um ambiente de cooperação e respeito, onde cada criança tem espaço para se expressar e participar de maneira significativa. Assim, o estímulo ao movimento vai além do aspecto físico, alcançando dimensões emocionais e sociais essenciais para o desenvolvimento integral.

Portanto, considerar as vontades, cultura e iniciativa das próprias crianças é muito importante na educação infantil. O professor não pode planejar uma atividade e executar somente por executar. É preciso que haja significado para as crianças pequenas, que tenha desejo e vontade de aprender aquilo que está no planejamento, se não, será uma atividade mecânica e robotizada, como muitas atividades que são desenvolvidas na educação básica que não geram conhecimento nenhum ao aluno (ARRIBAS, 2004).

De acordo com Arribas (2004) as atividades desenvolvidas na educação infantil, precisam compreender o sujeito integral e oferecer experiências em que ele consiga se desenvolver plenamente. Assim, as atividades devem propor obstáculos que as crianças resolvam sozinhas com a supervisão de um adulto, que sempre estará por perto para orientar e proporcionar níveis de dificuldades mais elevados de acordo com o que a criança vai superando.

O movimento em si, vai muito além da dança, propriamente, ele compreende os momentos de interação no parque, em que as crianças se penduram nos brinquedos, outras sobem em grades altas, desafiam o corpo e a velocidade no balanço e por aí vai. Esses momentos são ricos de experiência e de aprendizagem, pois além da experiência, são cheios de emoção, satisfação e socialização.

No entanto o professor que coíbe os pequenos de explorarem o ambiente e o corpo têm medo de ver os pequenos subindo em lugares altos, desafiando os limites e porventura, com risco de sofrer algum acidente. Contudo, sem que os desafios sejam superados, não há possibilidade de aprendizagem e os riscos na educação infantil quanto às quedas, são verdadeiros. Neste contexto é necessário que o adulto fique por perto para oferecer ajuda se a criança precisar e estar perto para ampará-la se cair ou algo do tipo. Durante bastante tempo, a educação esqueceu esse aspecto importante que é relacionado diretamente com a afetividade e a cognição. No entanto, se faz importante pensar a relação da escola com essas duas questões do cognitivo e afetivo com a aprendizagem.

Sob uma perspectiva humanista e através dos dados históricos, é possível constatar que a educação sempre se preocupou com as questões cognitivas e afetivas. Sabe-se que o ser humano na sua relação social e de vida, ele está sempre em movimento, de modo que as formas de movimentos, são infinitamente variadas, que vai desde uma conversa, a batida do coração, a escrita, o movimento de andar até outras que ainda que sejam movimentos pequenos, cada um deles se torna importante no processo de constituição das habilidades (ARIÉS, 1981).

Ao se tratar dessas questões, é necessário entender qual é a relação que se constitui no homem, no corpo e no movimento e em que elas contribuem para a prática escolar, a escola não trabalha com o movimento. De longas datas, a escola trabalha com a estática, que representa o aluno quieto, de modo que essa quietude tem forte relação com a ordem da sala, da classe e da aula.

Segundo Ariés (1981), um aluno quieto era um aluno parado. Ainda hoje, essa concepção de aluno se faz valer em algumas classes, ou instituição de ensino como um todo. Essa escola, por sua vez, faz com que a medida do passar dos anos, os alunos vão perdendo o gosto e o prazer por frequentar esse espaço, até mesmo, se perde a própria prática do movimento, deixando a ideia de que o corpo é apenas uma mala para carregar o cérebro. No entanto, o corpo e a mente sempre tiveram integrados e é na escola, principalmente na escola infantil, que o corpo e a mente devem ser valorados da mesma forma e desenvolvidos para que a escola ofereça para a criança essa visão tão importante, que é o desenvolvimento global do ser humano, de modo que ele desenvolva os aspectos afetivos, cognitivos e psicomotores.

A palavra escola, representa muito na vida dos sujeitos, seja de maneira positiva quanto negativa. É possível que todos que a frequentaram, carreguem lembranças boas e ruins. Aquelas lembranças que marcaram com um gesto de carinho de algum professor ou professora, ou uma atividade que se gostava muito de fazer, como também, é possível que se carregue memórias nem tão boas assim, como a privação de uma atividade predileta, uma forma de falar ríspida que gerava um sentimento negativo, enfim, existem diversas formas de se deixar marcado um momento na vida das pessoas (CALLIGARIS, 1995).

Como se sabe a educação infantil sempre teve um caráter depreciativo na constituição da história, pois ela era vista como uma etapa escolar menos importante, na qual as crianças iam para a escola apenas porque não tinham uma pessoa para cuidar enquanto os pais trabalhavam. Essa visão sobre a educação infantil, teve ênfase muito forte durante a revolução industrial, em que as crianças ficavam um período longo nas creches, visto que a mulher acabara de ingressar no mercado de trabalho. Numa perspectiva de depósito de criança, pouco se apreciava o trabalho visando o desenvolvimento integral dos pequenos, sendo mais notável que apenas o cuidado prevalecia, dentre tantas outras possibilidades que havia de se trabalhar e estimular.

No entanto, hoje sabemos que a educação fundamental começa desde que o bebê nasce, porque desde bem pequeno, ele já possui a capacidade de aprender sobre as coisas, visto que o seu desenvolvimento psicomotor acontece de forma natural, no entanto, é necessário que seja estimulado para que adquira e aprenda novas habilidades no decorrer de sua vida.

Quando se trata do corpo e do movimento na educação infantil, trata-se de cem por cento das atividades do sujeito, de modo que não existe educação infantil sem o movimento e sem que as crianças tenham essa

relação maior com o mundo e com o ambiente e com os objetos. Essa relação com o movimento e o corpo é muito forte, porque os pequenos ainda não leem livros, não escrevem, não fazem contas e tem toda a relação com o contexto de mundo a partir de suas vivencias e brincadeiras.

Portanto, ao se trabalhar e educar crianças, requer que se trabalhe com o movimento. Para Antônio Damásio (2003, p. 81), "a mente não seria o que é se não existisse uma interação entre o corpo e o cérebro durante o processo evolutivo, o desenvolvimento individual e a interação com o ambiente".

Por isso, é importante que os professores e a educação infantil no geral, tome consciência dessa interdependência que existe entre o corpo, a mente e o ambiente. Quando existe essa consciência e ela é levada em conta no cotidiano das crianças pequenas dentro das instituições de ensino, é possível que as crianças aproveitem mais as ações pedagógicas propostas na escola, que ela consiga se relacionar melhor com os objetos, ou seja, que ela consiga aprender e apreender de uma forma melhor. Quando isso acontece, as habilidades dos pequenos são desenvolvidas em sua plenitude.

É importante que o ambiente de aprendizagem seja prazeroso. Esse contexto de prazer para a criança pequena, tem uma relação inexorável com a ludicidade, que é um processo natural nos primeiros anos de vida. Na educação infantil, o jogo e o brincar são de extrema importância, pois é por meio deles que os pequenos aprendem.

De acordo com Costa (2011), o ser humano possui três tipos básicos de habilidades, que são: as motoras, as comportamentais e as expressivas. Cada uma dessas habilidades, são componentes importantes para o desenvolvimento integral do ser humano.

As habilidades motoras se dividem em cinco grupos, sendo que o primeiro deles, é a força; o segundo, o equilíbrio; o terceiro, a flexibilidade; o quarto, a coordenação fina e ampla e o quinto, a lateralidade.

As habilidades comportamentais, são relacionadas as habilidades que se tem de interagir com as outras pessoas, a relação e ao comportamento humano. A primeira habilidade comportamental, é a desinibição; a segunda, é a socialização; a terceira, tem relação direta com os conceitos de vida na contemporaneidade, que são os conceitos de saúde; a quarta habilidade, são as vivências emocionais; a quinta, são as habilidades expressivas, que estão relacionadas com a comunicação e a expressão com o mundo e com as pessoas. As habilidades expressivas por sua vez, podem ser a fluência verbal, o ritmo, a expressão dramática, a dicção e a capacidade de destreza manual.

No desenvolvimento integral da criança, seja em casa, ou na escola, deve-se priorizar essas três habilidades, pois somente elas vão gerar posteriormente, as competências necessárias para as ações diárias que as crianças realizarão por todos os seus dias. As atividades de reconhecimento do corpo e das partes dele, são fundamentais no processo de consciência corporal.

2. AS BASES DO DESENVOLVIMENTO MOTOR NA CRIANÇA

De acordo com Magalhães (2001, p. 43), a criança por volta dos 12 a 15 meses, já passou por um período de engatinhar, pelo menos, é o que se espera. No entanto, algumas crianças pulam esse período, por vários motivos, seja porque os pais têm medo de elas percorrerem pelo chão e acabarem se machucando, ou seja, pelas condições do espaço físico, é importante que não se antecipe nenhuma fase da vida, de forma que ao pular uma etapa, pode ser prejudicial.

Quando a criança começa a andar com um apoio e depois, sem apoio, fica mais fácil de ela alcançar os objetos. Geralmente, nessa fase inicial da marcha, a criança ainda está com o seu equilíbrio em desenvolvimento, então, é muito comum que ela escore nos objetos e muitas vezes, caia.

A coordenação motora fina, diz respeito a capacidade ou a habilidade de se usar as mãos. De modo que, se tem variadas formas de se pegar um objeto com as mãos. No início da vida, a criança ainda não tem o movimento de pinça, de forma que não existe uma habilidade motora precisa, então, vai passando por diversas fases e vai desenvolvendo diversas formas para poder pegar os diferentes objetos.

Esses movimentos vão sendo aperfeiçoados à medida em que ela vai movimentando a mão para alcançar os objetos. A coordenação motora fina, é caracterizada de acordo

com algumas características durante a infância.
Ainda é um movimento reflexo involuntário, próximo ao reflexo de "grasping reflex", que desaparece por volta dos 4-5 meses, quando surge a verdadeira preensão (Fonseca, 2008, p. 156).
Desse modo aos 4-5 meses, o bebê já pega o objeto, mas ele ainda continua exercitando o movimento de preensão, porque ainda os seus movimentos não estão precisos. Ele coloca a palma da mão debaixo do objeto e em seguida, ele pega com os três últimos dedos. Pose dizer que é uma pressão cúbito palmar, que vem do punho para a mão. Nesse mesmo período, inicia a coordenação oculomotora. Ou seja, ela consegue coordenar os movimentos, olhos e mãos.
Aos 6 meses de idade, a preensão é dígito palmar, ou seja, a flexão é simultânea dos quatro últimos dedos para a pala da mão.
Aos 8 meses, a criança começa a realizar os movimentos de pinça inferior, também chamada de rádio palmar. Ou seja, a última falange do dedo indicador e a ponta do polegar. A criança manipula o objeto e o leva a boca.
Entre os 9 e 10 meses, a criança coloca o polegar entre os demais dedos, realizando o que pode se chamar de pinça inferior. Então ela pega o objeto entre a polpa do polegar, que é um gesto específico da raça humana, que é o movimento de preensão.

2.1 Lateralidade

Lateralidade é a dominância que se tem do mesmo lado do corpo, que é definida, olho, mão e pé. Quando se tem uma dominância lateral, é conhecida como, homogenia.
Não necessariamente, quando pula, se apoia no pé direito, ou se segura com a mão direita e se olha com o olho direito. Essas formas de agir não se caracterizam como uma dominância homogenia.
A dominância manual nas execuções das atividades, como recortar, pentear o cabelo, desenhar usando o lápis. A dominância ocular é percebida no ato de olhar, por exemplo, quando se vai olhar num buraco de fechadura ou num monóculo com fotos. O olho que se coloca primeiro, é o olho dominante.
Magalhães (2001, p. 84) classifica, em relação à lateralidade, os sujeitos da seguinte forma:

Destros – são aqueles nos quais não existe um predomínio claro estabelecido do lado direito na utilização dos membros e órgãos, • Sinistros ou canhotos – são aqueles nos quais existe um predomínio claro estabelecido do lado direito na utilização dos membros e órgãos e • Ambidestros - são aqueles nos quais não existe predomínio claro estabelecido, ocorrendo o uso indiscriminado dos dois lados.

Coste (1992, p.63) define quatro tipos de lateralidade:
a) Destralidade verdadeira - a dominância cerebral está à direita,
b) Sinistralidade verdadeira - a dominância cerebral está à direita,
c) Falsa sinistralidade - caso em que o indivíduo adota a sinistralidade em conseqüência de uma paralisia ou de uma amputação, que impossibilitou a utilização do braço direito e;
d) Falsa destralidade - caso em que a organização é inversa da observada na falsa sinistralidade. É relevante considerarmos, ainda, as grandes variações dentro da lateralidade. Estão inclusos nessa categoria os sinistros contrariados, ou seja, aqueles que têm sua dominância discordante entre um membro e outro (lateralidade cruzada).

Quando a criança brinca de amarelinha ou se pula por alguma razão, o pé no qual existe um equilíbrio melhor, no caso da dominância dos membros inferiores é o pé dominante. Pode ser que ao chutar uma bola, por exemplo, se chute melhor com o outro pé. Então, neste caso, não necessariamente a dominância seja homogênea, de modo que ela pode ser heterogênea.

2.2 Organização espacial

Quando se toma consciência de que lugar o corpo ocupa no espaço, ou seja, do esquema corporal, acontece a primeira referência em relação ao meio ambiente. A organização do espaço, sempre tem como referência o próprio corpo.
Quando a pessoa tem como referência espacial o próprio corpo, ela consegue se orientar em relação as pessoas ou as coisas que estão estáticas ou em movimento. Então, se uma criança tem consciência de que está

sentada numa cadeira no fundo de uma sala, ao centro, ela saberá dizer se as cadeiras e as pessoas estarão posicionadas só a direita ou à esquerda, se estão posicionadas a esquerda e a direita ou se não estão posicionadas, de modo que estejam centralizadas (MAGALHÃES, 2001).

A tomada de consciência neste sentido, faz com que o sujeito possa se organizar frente ao mundo externo que o cerca para que se possa mudar as coisas de lugar e se situar no espaço em que se movimenta (PAVIANI, 1990, p. 91).

2.3 Conhecimentos das noções

Por volta dos três anos de idade, a criança fixa o seu referencial usando a linguagem, de modo que, já se expressa verbalmente, a verbalização tem um papel fundamental. Todo objeto, desde o momento em que ele é nomeado, faz o papel de organizador do espaço próximo circundante, permitindo construir o espaço que o rodeia.

2.4 Orientação espacial

Nessa etapa, as crianças conhecem os termos, de modo que, aprenderá a se orientar e a orientar as coisas. Passará a desenvolver as ideias de geometria projetiva e euclidiana simultaneamente. A geometria projetiva possibilita a conquista do espaço projetivo, o objeto ou a figura não são mais vistos, tais quais, mas sim do ponto de vista de um observador que tem certa visão do objeto ou da figura. Essa conquista é vista tardiamente na representação do desenho em perspectiva, por volta dos 8-9 anos. A geometria projetiva, ou euclidiana, possibilita o reconhecimento de formas e dimensões. Ou seja, a medida em que o sujeito percebe o local em que os objetos estão inseridos, já tem a noção do espaço ao qual pode se projetar e andar.

Nessa perspectiva, é importante se pensar que os objetos não são vistos tais quais eles são, mas são vistos, tais quais pertencem a visão do observador ou dos observadores, pois a percepção de um objeto, possui vários olhares para ele próprio, dependendo da forma de como o sujeito é educado e como ele se desenvolve (MAGALHÃES, 1990).

2.5 Relações espaciais

De acordo com Paviani (1990, p. 25), "esta etapa, difere das etapas anteriores, com efeito, baseia-se, unicamente no raciocínio a partir de situações especiais bem precisas", como perceber relações com: simetria, oposição, ritmo, a inversão, elementos adicionados ou subtraídos.

A criança é capaz de trabalhar com as progressões de tamanhos e quantidades, desenvolvendo, assim, noções iniciais de ordenação, comparação e classificação, que são essenciais para o raciocínio lógico-matemático. Essas habilidades, quando estimuladas na educação infantil, contribuem para que a criança compreenda conceitos básicos como maior e menor, mais e menos, curto e longo, possibilitando que ela avance de maneira gradual para aprendizagens mais complexas.

Além disso, a criança é capaz de desenhar uma planta de sua casa ou de sua escola, exercitando sua percepção espacial, memória e capacidade de representação. Esse tipo de atividade favorece a compreensão de noções de orientação e proporção, ajudando-a a construir uma relação mais consciente com o espaço que ocupa. Ao desenhar o trajeto casa–escola, por exemplo, ela reforça sua percepção de distância, direção e sequência de pontos de referência, além de desenvolver habilidades de organização mental e expressão gráfica. Essas experiências contribuem não apenas para o aprendizado formal, mas também para a autonomia e a compreensão do mundo ao seu redor.

2.6 Ritmo

Ritmo abrange a noção de ordem, de sucessão, de alternância, de duração. Está presente na vida da criança desde a sua vida ultra interina, e é, como se sabe, primeiramente, vivenciado e mais tarde, percebido.

Ao pensar num batuque, é possível pensar em vários tipos e frequências de batidas com sons variados, de modo que nessa alternância, ocorre a variação de ritmos. Então, existe essa ordem, sucessão e duração na vida da criança, desde a sua vida ultra interina, já que dentro do útero existe um ritmo e já começa com as batidas cardíacas da mãe, então, isso já é sentido e ouvido pela criança. Mas, quando ela vem para o mundo externo e começa a entrar em contato com as diversas situações que poderá vivenciar no dia a dia, pode começar a perceber mais esse ritmo, de acordo com o desenvolvimento da sua estrutura orgânica, biológica e afe-

tiva, consequentemente, a cognitiva.

3. DIMENSÕES DA APRENDIZAGEM DO CORPO

Durante muito tempo, a educação foi observada pelo produto, pelo que o aluno fazia e não pelo processo da construção. Hoje, esse panorama sobre o ensino aprendizagem mudou, de modo que o processo é notado como um fator importante e fundamental na constituição do todo, porque ele, é o caminho que o aluno leva na descoberta da sua aprendizagem (FERREIRA, 2000).

Desse modo não existe educação sem processo e que o produto é completamente subjetivo no ato de educar, para uma criança que está desenvolvendo as habilidades motoras, todas as etapas são importantes e elas irão afetar diretamente o modo e as condições de como o sujeito vai adquirir a habilidade de andar. É de acordo com todas as possibilidades ofertadas a ela, o espaço, o estímulo, as intervenções que resultará no produto, que é propriamente andar.

Quando a educação foca em como se aprende e preza a qualidade ao invés da quantidade e quando a educação é processo e não produto, o ato de aprender se torna um prazer para as crianças.

De acordo com Maturana (1995), a caminhada do ser humano, não se faz apenas porque ele se movimenta, mas acontece na relação dele com o caminho, e assim, acontece com a aprendizagem e o movimento na educação infantil e na educação de modo geral.

O movimento na educação infantil, só é importante quando existe uma relação entre ele e a aprendizagem, da mesma forma que acontece com o caminhar e o caminho, que se não estiverem relacionados, existirá uma contribuição muito pouca para o desenvolvimento do sujeito e ainda mais, com pouco significado. Assim, o movimento não é válido por si só, mas é válido na relação que ele tem com o aprendizado.

O homem possui três dimensões que são interligadas diretamente com a sua relação de aprendizagem. Essas três dimensões são fundamentais para que a aprendizagem ocorra dentro da escola. A primeira delas, é a dimensão cognitiva, que sem dúvida, é a mais discutida e a mais falada, escrita, dentro da educação. A dimensão cognitiva, representa os atos ligados ao conteúdo, àquilo que se pode escrever, ligado a razão do conhecimento.

A segunda, é a dimensão afetiva, que é ligada as questões emocionais, aos relacionamentos e a todas as situações que permeiam as atividades dentro da escola. Sabe-se que a afetividade, sem dúvida é muito importante, de modo que a dimensão cognitiva tem uma ligação direta e uma aproximação muito grande com a dimensão afetiva, já que quando a mente produz, ela é motivada e influenciada pelas questões afetivas.

A terceira dimensão, e nem menos nem mais importante que as outras e que também tem uma interligação com elas, é a dimensão psicomotora. Ela é ligada ao corpo, ao movimento e a sua expressão. Um corpo, que não é bem desenvolvido e que não tem as suas relações psicomotoras desenvolvidas, engajadas e relacionas durante a vida, provavelmente, terá dificuldade no desenvolvimento da sua cognição e da sua afetividade.

Portanto, essas três dimensões estão juntas na sala de aula, de modo que só é possível separá-las quando o homem aprendo. Quando se fala em aprender, em ensinar e das dimensões humanas da aprendizagem, é preciso considerar que o homem é constituído de três dimensões e que elas, juntas, compõe o ser que está agindo, se movimentando e aprendendo dentro de um ambiente educativo.

Para compreender a importância das dimensões da aprendizagem no ato de ensinar, é necessário que se saiba que essas dimensões não podem estar divididas em departamentos, de modo que, um dia, um aluno trabalha apenas com as dimensões do corpo, outro dia, trabalha-se apenas com a dimensão afetiva e assim por diante. Essas dimensões, precisam estar correlacionadas no cotidiano escolar na criança. Assim, a aula que proporciona todas as possibilidades de aprendizagem para o aluno, é aquela que possui as três dimensões (FONSECA, 2008).

A partir dessa perspectiva integradora das dimensões, é importante pensar a forma como que o professor trabalha os conteúdos e as estratégias que ele utiliza. Além da alegria e da descontração, às vezes, é difícil manter o foco em toda a turma e as crianças

pequenas, possuem uma capacidade de dispersar muito rapidamente. Neste sentido, um olhar atento do professor é fundamental, de modo que ele deve estimular o aluno mais quieto para que participe das atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção desse trabalho foi demonstrar a importância do conhecimento acerca das bases psicomotoras e como elas estão diretamente relacionadas a aprendizagem ou a não aprendizagem. De acordo com os autores que foram abordados, especialistas sobre o tema, a aquisição das funções psicomotoras é essencial para o desenvolvimento das crianças.

A criança, desde o seu nascimento está em constante aprendizado. Ela aprende através da sua interação com o meio e à medida que é estimulada nestas interações, avança nas suas capacidades perceptivas, atencionais, de memória, de linguagem e outras. Essas capacidades são estimuladas à medida que tônus, a noção de corpo, a equilibração, a lateralidade, a estruturação espaço temporal e a praxia global e fina são trabalhadas.

Sabe-se que ainda na infância, se as habilidades motores, cognitivas e afetivas não forem estimuladas, é provável que a pessoa venha a ter dificuldades escolares, posteriormente. Sendo assim, a psicomotricidade e a pedagogia caminham juntas, de modo que o estudo sobre o movimento, a afetividade e as habilidades cognitivas caminham juntas e quando o fracasso escolar é presente, é possível fazer intervenções pontuais de acordo com as bases psicomotoras.

BIBLIOGRAFIA

ARRIBAS, Tereza Lleixà, Educação Infantil: Desenvolvimento, currículo e organização escolar / Tereza Lleixà à Arribas... [et al.] tradução Fátima Muras – 5. Ed. – Porto Alegre: Atermed, 2004.

ARIÉS, P. História social da criança e da família. 2º ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

CALLIGARIS, C. Educa-se uma criança? Porto Alegre: Artes e ofícios, 1995.

COSTA, Auredite Cardoso. Psicopedagogia e Psicomotricidade: pontos de intersecção nas dificuldades de aprendizagem, 8 ed., Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

COSTE, J. C. A psicomotricidade – Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

FERREIRA, C. A M. A contribuição da atividade lúdica na construção do pensamento e da linguagem numa perspectiva sócio-histórica. In: Psicomotricidade: da educação infantil à gerontologia. São Paulo: Lovise, 2000.

FONSECA, V. Psicomotricidade: filogénese, ontogênese, retrogénese. Porto Alegre. Artmed; 1993.

. Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de L. M. Ponde Vassalo. Petrópoles: Vozes, 1987.

Le BOULCH, J. O desenvolvimento psicomotor: do nascimento até seis anos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LÚRIA, A. R. A Construção da mente. São Paulo: Ícone, 1992.

MAGALHÃES, A. F. Lateralidade: implicações no desenvolvimento infantil. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

MATURANA, H. A Árvore do conhecimento. Campinas: Psy, 1995.

PAVIANI, J. Merleau-Ponty: A Fenomenologia e as Ciência do Homem. In: Seminário sobre Pesquisa Fenomenológica nas Ciências Humanas e Sociais. Rio de Janeiro: ANPESS e CBCISS, Ano I, n. 1, 1990.